



'Saber Sever': geios de Escrita e História

Maria Otília Pereira Lage *

Jorge M. B. Lage *

RESUMO: Santo Adrião de Sever (concelho de Santa Marta de Penaguião), pequena povoação do Baixo Corgo, é o contexto empírico desta comunicação. Centrada numa grelha de leitura do manuscrito literário "Saber Sever" (de João de Sever, pseudónimo) que aproxima a textura espessa de lugares e tempos, nela se faz uma primeira abordagem sociohistórica e cultural do viver e do visível das populações anónimas do Velho Douro nos anos 1950-1960, período de profunda mudança histórica.

Neste quadro, a região do Douro, mosaico de realidades muito diferentes construído à roda da vinha e do vinho, é perspectivada enquanto cenário natural e humano que suscita um forte impulso criador quando tenta aproximar-se dessa "obra humana...a mais admirável que se pode ver em Portugal" (Orlando Ribeiro) e como produto social e cultural sincrético que resulta de um longo e não linear processo histórico de múltiplas e complexas transformações.

Pressupõe-se que o saber histórico, só é satisfatório para os seus públicos alvo, se tem em conta as dimensões do visível e do sentir vivido das populações cuja apreensão supõe a sua reconstrução por recurso aos "perceptos" e "afectos" que a narrativa literária proporciona. O que no conduz a uma reflexão sobre as modalidades de relação da história e literatura.

"É da própria natureza do passado que se dê ao nosso conhecimento por intermédio de vestígios que o tornam sempre fragmentário, lacunar e descontextualizado: fragmentário porque nos chega aos pedaços, lacunar porque estes mesmo reunidos não permitem nunca por eles próprios reconstituir a totalidade de que faziam parte, descontextualizados porque se encontram numa envolvente diferente da que foi a sua na origem" (K.Pomian).

Com idêntico entendimento do passado, esta comunicação propõe-se devolver o olhar e reconstituir o vivido dessa pequena povoação do Alto Douro Vinhateiro que perpassa no texto

* Doutorada em História, investigadora do NEPS, ICS – Universidade do Minho.

** Jurista

literário “Saber Sever”, embebido em memórias de infância, através de cuja leitura interpretativa e análise de discurso, conteúdos explícitos e latentes, se faz a reconstituição possível de uma história do vivido comum das populações do Douro profundo e oculto. Uma história do vivido que nos pode levar a sentir e a querer compreender (obrigações do fazer a história), *os trabalhos e os dias* sob um registo literário por cujo pano de fundo passa, como que em teatro de sombras, um auto da paixão sugerido em alguns trechos de Miguel Torga mas a que se não resigna. Tenta-se trazer à superfície o que nos parece jazer ainda no fundo do “poço do vinho” (designação dada a Santa Marta de Penaguião) e que implica o conhecimento de uma história que procura relevar a dureza extrema com que ao longo de séculos se fez.

Introdução

A região do Douro é-nos assim expressiva e intensamente introduzida em suas múltiplas dimensões, por dois grandes expoentes da literatura portuguesa contemporânea¹.

*“ (...) Mais baixas as alturas se reflectem calmas
de rochas cavas e arvoredos fundo.
Verde tão verde o rio se não corre
De lago é preso e um barco noutra margem
Parado se contempla a esbelta proa arqueada
Sobre o telhado inverso do solar antigo
Só brisa matinal se encrespa de água e morre.
(...)
Parado e sempiterno e velho de águas rio
Não passas repassando as águas de outro tempo
Verde tão verde na manhã parada”²*

(Jorge de Sena – O Douro preso em barragens)

¹ Sobre literatura de temática duriense, veja-se por exemplo CABRAL, A.M. Pires, Sel., Org.; SARAIVA, Arnaldo, Pref. - Douro Leituras: uma Antologia de textos sobre o Alto Douro. Régua: [Museu do Douro], 2002. Neste volume são compilados textos literários de escritores durienses já falecidos, como : Guerra Junqueiro, Campos Monteiro, Miguel Torga, Guedes de Amorim, Domingos Monteiro, João de Araújo Correia e ainda de escritores não durienses como Sousa Costa, Manuel Mendes e Alves Redol. A organização obedece aos seguintes núcleos temáticos: 1. Um poema geológico (rio – visões e interpretações; paisagens; clima); 2. Gentes do Douro (clivagens de classe; construtores do Douro); 3. Os trabalhos e os dias (o ciclo do vinho; profissões; condições de vida miseráveis; outros produtos além do vinho); 4. Momentos da história do Douro (filoxera, motins e caminho de ferro)

² Extracto do Poema “O Douro preso em barragens” constituído por 4 estrofes de 5 versos e um terceto, datado de 30 de Agosto de 1971e incluído na obra Exorcismos de Jorge de Sena. In SENA, Jorge de – “30 anos de Poesia”. Porto: Ed. Inova, 1972. (Colectânea), p. 272.



*"Conheciam o Doiro palmo a palmo, a íngreme dureza
das suas encostas; o peso dos cestos vindimos, a luz
mortiça dos lagares. Por isso, que fosse gente do Juncal,
da Pala ou de Baião, entendia-se uma com a outra, mal
abria a boca. Só o inglês, o senhor Lopes e a família é
que pareciam estranhos ali"*

(Miguel Torga - Vindima)

Ora se, enquanto cenário natural e humano, o Douro Vinhateiro tem suscitado um forte impulso criador expresso nas mais variadas formas culturais e artísticas que tentam aproximar-se dessa "obra humana", "a mais admirável que se pode ver em Portugal"³, como produto cultural sincrético, é um mosaico de realidades muito diferentes construído à roda da vinha e do vinho, que resulta de um longo processo social e histórico de múltiplas e complexas transformações. A sua história conta já um acervo considerável de estudos que nos proporciona um conhecimento largo e aprofundado desta região nas suas dimensões económica, política e social, realizados quer no âmbito da acção da Estrutura de Projecto Museu do Douro,⁴ quer da actividade de investigação do GEHVID⁵ que promove este II Encontro Internacional.

Neste enquadramento, apenas delineado na complexidade de duas das suas destacadas dimensões, se situa o objecto desta comunicação cujo contexto empírico se localiza em Santo Adrião de Sever, pequena e antiga povoação do Alto Douro⁶,

³ Orlando Ribeiro – Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Lisboa: Sá da Costa, 1992

⁴ Ver por exemplo os estudos de vários autores publicados em Viver e Saber Fazer: Tecnologias tradicionais na Região do Douro: Estudos Preliminares. 1ª edição. Peso da Régua: Museu do Douro, 2003.

⁵ Designadamente comunicações nacionais e estrangeiras apresentadas em Encontros e Simpósios, actas respectivas e outras contribuições publicadas na Revista "Douro - Estudos & Documentos". Publicação bianual editada pelo GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

⁶ Expressão híbrida que designa ainda hoje a sub-região produtora do "Vinho do Porto"; usada nas Demarcações Pombalinas, segundo J. Leite de Vasconcelos era já conhecida através da "Memória em que se refere o estado actual da Agricultura e Comércio do Alto Douro", desde 1681 até ao ano de 1756. (MONTEIRO, J. Gonçalves – *Penaguião: "Terra" e Gente*. Santa Marta de Penaguião: Ed. do Município de Stª Marta de Penaguião, 2001, p.45)

que é, com os seus 12 lugares e 17 importantes quintas⁷, uma das 10 freguesias do concelho de Santa Marta de Penaguião⁸.

Centra-se numa análise da narrativa e discursos literários que dão corpo à obra “Saber Sever” de João de Sever (pseudónimo), e assim, entre ficção e história, se ensaia uma aproximação à ambiência social e quotidiana das populações anónimas desse “lugar” do Baixo Corgo⁹ num passado recente que adquire visibilidade na reconstituição do vivido.

⁷ Localizam-se aqui, as seguintes Quintas: em Sever, lugar da sede de freguesia, a Quinta das Vazes, no Concieiro, a Quinta do Licor e a da Telhada, em Urval, a Quinta do Pinho, em Sarnadelo, a Quinta do Pinheiro, em S. Martinho, a Quinta do Ameal, a Q^a das Pedras no lugar do mesmo nome, e ainda, entre outras, a Quinta do Cabo e a Quinta do Porto.

A freguesia de Sever compreende actualmente, além da sede, Sever, os seguintes 11 lugares: Bandede, Calvário, Concieiro, Gundeiro, Mafômedes, Paredes de Arcã, Pedras, Ribeira d’Elos, S. Martinho, Sarnadelo e Urval distribuídos por uma área total de 614 hectares, sendo Sever uma das 3 freguesias de menor dimensão geográfica do concelho. Em termos populacionais, a freguesia de Sever, com uma população actual de cerca de 1100 habitantes, situa-se sensivelmente a meio do conjunto. Segundo o numeramento de 1527-1530 (não constava ainda Santa Marta) Sever era, com os seus 53 fogos, não apartados em quintas ou casais uma das povoações mais populosas do Baixo Corgo e, no séc. XVII, integrava o grupo médio das povoações da região, com 101 a 150 vizinhos. (apud SOEIRO, Teresa – Baixo Corgo, o Velho Douro in “Viver e saber fazer: tecnologias tradicionais na Região do Douro: estudos preliminares. Peso da Régua: Museu do Douro, 2003.p. 133, 143). Com uma população oscilando entre os 1356 habitantes (ano de 1829) e os 1683 hab. (anos 1950)/1576 hab. (anos 1960), foi ao longo do séc. XIX (censos de 1878 e 1890) a segunda freguesia mais populosa, a seguir a Fontes, passando a ocupar, suplantada em 1900 por S. João de Lobrigos, o 3^a lugar, posição que manteve ao longo do séc. XX, até aos anos 1960 (censos de 1911, 1920, 1930, 1940), com excepção na década de 1930 em que ocupou a segunda posição. Ob. cit. p.48-49

⁸ O concelho de Santa Marta de Penaguião, localizado a norte do Rio Douro e limitado a norte e leste pelo município de Vila Real (capital do distrito), a Sul por Peso da Régua, a Sudeste por Baião e confinando a poente com o de Amarante, ocupa uma área de 70 km², sendo o penúltimo do conjunto dos concelhos do Douro. Com uma densidade populacional de 139,8 habitantes por km² e uma área média por freguesia de 7 km² compreende as seguintes 10 freguesias: Alvações do Corgo, Cumieira, Fontes, Fornelos, Louredo, Sanhoane, S.João de Lobrigos, S.Miguel de Lobrigos, Sever e Santa Marta de Penaguião (NUTs III). A caracterização sumária do concelho, para as 2 últimas décadas do séc. XX, em termos população e actividades económicas é a seguinte: Em 1981, a população era de 11.194 habitantes tendo passado em 1991 para 9.703, apresentando assim uma taxa de variação de - 13,3%. A população activa representava em 1981, 33,8 % da população residente e distribuía-se maioritariamente pelo sector primário (58,2%) sendo idêntica a percentagem de activos dos sectores secundário e terciário (20,9); em 1991, por sua vez, a percentagem de activos baixou para 31,9%, distribuídos percentualmente em 47,4% para o sector primário, 20,7 % para o secundário e 31,9 para o terciário.

⁹ Freguesia a norte da sede do concelho de Santa Marta de Penaguião, a cerca de 10 km do Peso da Régua e a cerca de 17km da sede do distrito, Vila Real. Para uma panorâmica histórica anterior à filoxera (finais do séc. XIX) desta sub-região (que forma com o Cima Corgo e o Douro Superior, a Região Demarcada do Douro, Património Mundial), veja-se o estudo de síntese de SOEIRO, Teresa



Desenvolve-se a nossa argumentação em três tópicos principais: no primeiro, reflecte-se sumariamente sobre a problemática das fontes e a complexa relação que existe entre Escrita Literária e História e suas mediações vistas como patamares de uma construção sócio-histórica do Douro Vinhateiro - questão suscitada desde logo pela apresentação tipográfica que nos faz remontar ao séc. XVIII, e por alguns dos conteúdos do texto literário "Saber Sever"; a seguir, e com base na apresentação e análise de fragmentos ilustrativos da obra "Saber Sever", ensaia-se uma reconstrução do vivido e do visível num momento inescapável da microhistória das populações do Douro, tentando-se reconstituir a cultura (da vinha), a implantação de bardos de polissemia; finalmente, em "Sever e 'o Poço do Vinho'", designação local dada ao concelho de Santa Marta de Penaguião, com o recurso a outras fontes como a Devassa de 1771, e num esforço de identificação de um "excepcional normal", tenta-se abrir pistas para o enraizamento de meandros históricos da produção do vinho fino.

Para que melhor se entenda donde falamos três explicitações se tornam necessárias: o conceito de "lugar" é aqui tomado na sua acepção simultânea de entidade geográfica, cultural, social, económica e histórica¹⁰; assume-se a literatura enquanto instituição social viva que tem de ser entendida como um processo, testemunho do esforço de criação individual, dos condicionamentos sociais, das dimensões culturais, das condições económicas, dos conflitos éticos, das contradições políticas que configuram o espaço em que foi gerado; e por fim, pressupõe-se que o saber histórico, na perspectiva dos seus públicos alvo só é satisfatório quando tem em conta as dimensões do visível e do sentir vivido da história das populações cuja apreensão supõe a sua reconstrução por recurso aos "perceptos" e "afectos"¹¹ que a narrativa literária proporciona.

1. Uma primeira abordagem: a propósito de "Saber Sever", a relação Escrita Literária e História.

A obra literária cuja leitura crítica e análise é objecto principal desta comunicação, é composta por uma multiplicidade de fragmentos cujas remissões e relações

– *Baixo Corgo, o velho Douro*. In *Viver e Saber Fazer: Tecnologias tradicionais na Região do Douro: Estudos preliminares*. Peso da Régua: Museu do Douro, 2003.

¹⁰ POMIAN, Krzysztof – *Sur l'histoire*. Paris: Gallimard, 1999, p.48

¹¹ Para uma aplicação destes conceitos à análise de literatura portuguesa e galega sobre exploração mineira de Volfrâmio ver LAGE, Maria Otília Pereira – *Nas memórias do Volfrâmio: um sociolecto luso-galaico*. "Veredas" (4) Revista da Associação Internacional de Lusitanistas. Ed. Fundação Engenheiro António de Almeida. Porto, Dez.2001, p.275-294.

entre si combinadas e recombinadas produzem um efeito de envolvimento próximo das características naturais e culturais do lugar de Sever.

Trata-se de um longo texto constituído por mais de trezentos fragmentos formalmente compostos como num jogo de sons em eco e imagens de caleidoscópio – assim sugerindo em acto o ambiente natural do Douro e se justificando o título de “Saber Sever”..

Apresenta-se formalmente construída sobre fundo que reproduz páginas da Biblioteca Lusitana de Diogo Barbosa Machado, Abade de Sever, a mais antiga e exaustiva compilação de manuscritos e obras impressas portuguesas até ao séc. XVIII,¹² a que faz apelo directo, pela inclusão, no próprio texto, de uma apelação ao rei D. Afonso VI, dos mercadores do Porto, terra erma e sem sustento reclamando o que apanham de outras províncias... Destacam-se nela ainda citações relativas ao cultivo da pimenta extraídas de “Colóquios dos Simples e Drogas da Índia” (1563) do renascentista Garcia da Orta (1500-1568), numa alusão implícita a possíveis analogias com a cultura da vinha.

1.1.0 texto literário ‘Saber Sever’ e a problemática das fontes históricas

Este sincretismo cultural de ancoragens históricas para que remete “Saber Sever” justifica que, antes de se passar à análise da sua estrutura narrativa, discursos, conteúdos explícitos e latentes, se sublinhe (sem o reificar) o primado na História da problemática das fontes mais pertinentes e adequadas ao objecto de estudo.

Escassas, para períodos recuados, ou prolixas na contemporaneidade, mas sempre desconexas, as fontes e documentos a que pode aceder-se, ora se encontram dispersas, precisando de ser reunidas, ora ocultas e/ou fragmentárias necessitando de ser reconstituídas interrogadas por uma diversidade de mapas cognitivos e sempre carecendo do tratamento conceptual e metodológico mais adequado à sua reorganização e exploração interpretativa e crítica.

¹² “A Biblioteca Lusitana, magnífico repositório de história crítica e cronologia, noticia dos autores portugueses e das suas obras e por isso grande dicionário bibliográfico foi publicada entre 1741 e 1759, obra em 4 volumes, recentemente republicada em CDROM pela Comissão dos Descobrimentos Portugueses. Foi seu autor, Diogo Barbosa Machado (1682 -1772), nascido em Lisboa mas mais conhecido por Abade de Sever por nesta paróquia (Santo Adrião de Sever) da diocese de Lamego haver sido colocado como presbítero. Bibliógrafo, estudioso e erudito constituiu uma seleccionada e excelente livreria onde abundavam espécies de grande raridade que ofereceu a D. José e que D. João VI levou para o Brasil, onde viriam a constituir o fundo primitivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”. In LAGE, Maria Otília Pereira – Abordar o Património Documental: Territórios, práticas e desafios.”Cadernos do NEPS” (4). Guimarães: UM-ICSN-EPS, 2002, p.17.



Na história local e regional, em regra objecto de análises monográficas, estudos micro e longitudinais de longa duração, esta questão das fontes parece, à primeira vista, mais simplificada, dado o âmbito e contornos aparentemente mais limitados e delimitáveis. Enfrentam-se no entanto idênticos condicionalismos e constrangimentos acrescidos que vão desde dificuldades internas e externas ao investigador, logo na fase de pesquisa documental, até à delimitação de contextos espaço-temporais e historicidades, identificação de mediações e modalidades de imbricação das singularidades com fenómenos de mais largo espectro que as afectam; o que exige o cruzamento de uma multiplicidade de fontes e dados, requer escalas de análise diferenciadas capazes de dar conta das relações local – regional – nacional – global e implica um estudo fino da sobreposição de temporalidades, trânsitos (im)perceptíveis entre presente-passado-presente.

Esta complexidade adensa-se quando se privilegia, como no caso vertente, o estudo da narratividade literária versus narratividade histórica e a relação inerente de verdade-ficção-verdade, dado o que se pretende analisar: a dimensão visível do passado e a sua dimensão do vivido em Sever¹³, Baixo Corgo, a sub-região vinha-teira mais antiga da Região Demarcada do Vinho do Douro (1756).

A marca documental talvez mais significativa encontrada no decurso de recente trabalho de campo e pesquisa de fontes no local, em certo sentido, para cruzar com outras fontes o documento manuscrito “Saber Sever”, texto literário escrito na década de 1970, a partir de memórias que reportam aos anos 1950/1960 é

¹³ As referências a Diogo Barbosa Machado, Abade de Sever entre 1731 e 1759, levou-nos ao local, para um curto trabalho de terreno e de pesquisa de fontes locais e paroquiais. A situação detectada nesta fase embrionária da pesquisa pode sumariamente identificar-se assim: as fontes municipais perderam-se num incêndio que em 1915 devastou os arquivos da municipalidade de Santa Marta de Penaguião (por ocasião dos tumultos registados, sobretudo em Lamego e St^a Marta de Penaguião, contra os efeitos gravosos de acordo comercial entre Portugal e Inglaterra sobre a importação de Vinho do Porto – Gonçalves Monteiro, 2001: 295); na biblioteca municipal pudemos consultar o Tombo da Devassa realizada no Alto Douro entre 1771-1775, única fonte aí existente, com algumas referências a Sever, no séc. XVIII (OLIVEIRA, António Braz de, MARINHO, Maria José – *Devassa a que mandou proceder Sua Majestade no Território do Alto Douro pelo Desembargador António de Mesquita e Moura*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983 (Série Documental); as fontes paroquiais disponíveis para consulta revelaram-se-nos escassas quer no arquivo distrital de Vila Real (1 liv. de inventário de bens, 1 liv. de crismados com início em meados de 1500, e apenas dois livros de assentos vitais: um de baptismos de 1705 a 1734 e um livro misto (baptizados, casamentos e óbitos) dos anos de 1742 a 1761) quer no arquivo e igreja paroquial onde existem duas insígnias religiosas (o selo e a sagrada custódia) também do século XVIII, de valor e importância simbólica para a história de Sever, uma das mais antigas paróquias medievais, já “taxada em 40 libras” no conjunto de igrejas paroquiais da Terra de Penaguião, bispado do Porto, no arrolamento de D. Dinis (1320-1321).

constituída por duas insígnias religiosas, relevantes para o domínio da história da religião e da instituição eclesiástica:

- o selo da paróquia, aí deixado por Diogo Barbosa Machado, Abade de Sever, o qual reproduz a pedra de armas deste elemento do alto clero que deteve, durante 28 anos, os direitos paroquiais desta paróquia e onde ainda hoje continua a atestar a autenticidade de qualquer documento eclesiástico;
- guardada na igreja matriz de Sever¹⁴, a sagrada custódia em ouro cuja base tem gravada uma inscrição latina¹⁵ datada de 1732 e referente à sua doação à paróquia, por Barbosa Machado, reverendo ilustre e um dos 50 sócios fundadores da Academia Real de História, instituição que assinala o surgimento entre nós da “crítica histórica”.

Trata-se de dois documentos símbolo de um poder temporal e de um poder espiritual, peças hoje de inegável valor patrimonial e cultural, atenta a proeminência da figura do Abade de Sever na história da cultura portuguesa, e objectos de utilização quotidiana que continuam a actualizar no tempo presente a inscrição de um passado, numa sobreposição de temporalidades sugeridas de modo diverso na construção do texto literário em análise.

1.2. “Geios” de escrita literária e história: narratividade ficcional e histórica.

Esta problemática das fontes adensa-se ao enlaçar história e escrita literária, relação que desde logo se quis deixar sugerida no título desta comunicação, como tópico de conceptualização de particular relevância aqui apenas enunciado.

A complexa relação entre história e ficção que está no centro deste estudo é, em regra, tratada, de modo mais ou menos linear, assim: ora fazendo-se uso recorrente da contextualização histórica do discurso literário, ora tomando-se a literatura como uma fonte alternativa para a construção do conhecimento histórico, ou até mesmo tratando-se a história e o discurso sobre o conhecimento histórico

¹⁴ Localizada em plano superior ao da sede da freguesia, o seu corpo central e altares em talha dourada, recentemente restaurados, datam também do séc. XVIII. Ao lado, fica o pequeno cemitério em que se destacam 15 mausoléus em granito de finais do séc. XIX, ao que se julga, obra de “mestres canteiros” da terra.

¹⁵ “HUJUS ECCLESIAE D ADRIANO SACRE POSUIT.ANNO MDCCXXXII. DEO ABSCONDITO VERBO ABBREVIATO VICTIMAE INCRUMENTAE VITALI FERCULO DIDACUS BARBOSA MACHADO ABBAS”, inscrição para que se propõe, a seguinte tradução literal, de carácter provisório “...construiu para Santo Adriano (Adrião) [padroeiro] desta igreja. Ano 1732. O Abade Barbosa Machado consagrou ao Deus escondido, palavra abreviada [Deus feito verbo] vítima incruenta, alimento vital [na sagrada custódia].



como ilustração da literatura. Mais recentemente, tem vindo a ser objecto de outros tipos de abordagens e debates, discutida e colocada sob suspeição, ou então, tacitamente admitida na base de que literatura e história começam na palavra escrita e não nos factos.

Em nossa perspectiva, que não ignora a comum narratividade de 'escrita literária' e 'narrativa histórica', a história como saber pode aproveitar da literatura na medida em que reconheça o limite que a literatura faz acontecer – o de levar até ao não saber o saber – e constrói o seu modo próprio de conhecimento aproveitando da energia que a literatura liberta podendo também alimentar-se dela. Procurou-se representar tal entendimento com o recurso metafórico ao vocábulo “geios” terraços delimitados por muros de xisto, cheios com terra e cascalho onde se implantam as fiadas de bardos para enlaçar as cepas das videiras – modo tradicional de armação do terreno para o plantio da vinha com que o trabalho e esforço humano das populações transformaram as encostas dos montes sobranceiros ao rio Douro e alguns dos seus afluentes (Corgo, Torto, Pinhão, Tua).

“É da própria natureza do passado que se dê ao nosso conhecimento por intermédio de vestígios que o tornam sempre fragmentário, lacunar e descontextualizado: fragmentário porque nos chega aos pedaços, lacunar porque estes mesmo reunidos não permitem nunca por eles próprios reconstituir a totalidade de que faziam parte, descontextualizados porque se encontram numa envolvente diferente da que foi a sua na origem”¹⁶

Este entendimento do passado, que partilhamos, perpassa como veremos, no texto literário “Saber Sever”, embebido em memórias, como “a água que corre”, e na reconstituição possível que, através da sua leitura interpretativa e análise de discurso, se vai fazer da história do vivido comum das populações de um Douro profundo e oculto, em Sever dos anos 1950-1960. Uma história do vivido que nos pode levar a sentir e a querer compreender (obrigações do fazer a história), *os trabalhos e os dias* das populações anónimas que fazem a história sem saber que a fazem, sob um registo literário por cujo pano de fundo passa, como que em teatro de sombras, um auto da paixão assim sugerido: “ ‘ (...) o instinto dos homens evocava ancestrais fadigas na surriba e na poda, na escava e na levanta, na enxofra e na desfolha, no sulfato e na redra, num rememorar subterrâneo e dorido de todos os passos do calvário onde a própria vida tinha de vez em quando a sua crucificação.’ ” ¹⁷

¹⁶ POMIAN, Krzysztof – Sur l'histoire. Paris: Gallimard, 1999, p..63 (tradução nossa)

¹⁷ Miguel Torga, *Windima*. In *Saber Sever*, p.152

2. “Saber sever”: Para uma reconstrução do vivido e do visível.

*“E um dia descobri-me de uma nudez estranha
a escrever numa prancha assente nos joelhos
da imagem que me ficara das longas horas
passadas a soletrar o sapateiro da terra”*

(“Saber Sever”, p.1)

Assim se inicia a construção do texto literário, núcleo central de uma primeira abordagem à história recente das populações de Sever, pequena e antiga povoação vinhateira do Douro, e da proposta de análise sociohistórica da sua ambiência económica, social e cultural nos anos 1950-1960, um período de duas décadas de transição que antecedem o actual ciclo de esvaziamento populacional das zonas rurais progressivamente mais empobrecidas do Douro.

2.1. Pressupostos de análise do discurso e conteúdos de “Saber Sever”

“Saber Sever” foi, como já se disse, escrito numa referência explícita à marca da história, a partir de memórias do narrador, memórias de infância que lhe ficaram dos 6 anos que vivera na sede da freguesia de Sever.

A sua construção literária encena na língua e pela língua, o fim de uma longa época do Douro Vinhateiro – casa da roga, colectivo migrante, época da cardanha¹⁸ que se viu demolida quando apareceu em seu lugar o terreiro da quinta transformado num espaço vazio e estranho, designado de Ruppertplatz.

“Saber Sever” ou saber (-se) ver – relação de incerteza com que se pretende assinalar que se existir tal relação terá já sempre sido um pôr em relação indissociável de um pôr em narrativa: um estar no mundo que não é possível sem a inscrição de movimentos na língua, sem um devir língua. Por conseguinte, Saber Sever implica a exploração da condição languageira do humano ou seja, da sua condição faltosa (Montaigne) porque sempre diferente da realidade e visionária. É esta diferença rebelde que impulsiona a narrativa e que trabalham os idiomas da literatura, como o do texto em análise.

¹⁸ Um exemplo de cardanha constituída por tarimba para 30 homens, mais tarimba para 20 homens, mais tarimba do ‘rogador’ mais latrina sobre estrumeira pode ver-se em planta de cardanha de Caldas de Moledo – Régua, reproduzida de Henrique de Barros, 1943 em MARQUES, Hélder Trigo, in Viver e Saber Fazer: Tecnologias tradicionais na Região do Douro: Estudos preliminares. Peso da Régua: Museu do Douro, 2003, pág.80



“Nós sabemos mas não vemos” escreve o linguista Roman Jakobson, facto através do qual se entende o processo de des-saber que opera na escrita. É um saber não saber que institui a necessidade de desaprender os adestramentos do corpo e do discurso. As nossas posturas e as nossas imposturas. Como dizia Santo Agostinho “não vemos o que não podemos não ver”.

Como diz Pomian “ Para dar plenamente ao passado essa qualidade que o faz um passado nosso, para o fazer sentir tanto quanto as palavras o conseguem fazer, é preciso também reconstruir, se tal se deixa fazer, a dimensão visível deste passado, alcançar uma descrição do que se apresentava então ao olhar, e é preciso além disso reconstruir a dimensão vivida, alcançar uma descrição dos estados afectivos suscitados, naqueles de que era o presente, pelo espectáculo no qual participavam quotidianamente de uma maneira ou outra”.¹⁹ O que no texto que vamos a analisar se alcança através de dois dispositivos, o caleidoscópio e o eco que permitem suscitar tais reconstruções sem caírem na pretensão inalcançável de descreverem como presente o que no passado nunca terá sido já presente.

2.2. Geios de escrita literária e história : observação social e contornos de história do vivido visível

O texto constrói-se assim fazendo apelo ao eco de múltiplas vozes que se entrecruzam como se (re)combinam os fragmentos de vidro pintado de um caleidoscópio por onde se olha, rodando-o, o passado próximo de uma história recente que, mal trazido à boca da cena, começa por se interrogar, levando a reflectir sobre um processo sócio-económico e seus actores, que pontua, à medida que entram em cena.

2.2.1. Apresentação e invocação. Actores sociais

À apresentação inicial da matéria da composição do texto que o mesmo começa por fazer, sucede-se a apresentação tópica dos actores sociais individuais a qual termina por uma invocação. Vejamos:

*“A fundação dos teatros
(voz dos ecos; persona e coros)”
“Cicatriculas”*

(Saber Sever, p.2-3)

¹⁹ Ob cit., p 62

*"Episódios da criação
seres miudinhos,
pontuando
aqui
e mais além
uma gesta grande demais
para tão fraco o entendimento
(Saber Sever, p.13)*

*"O que é um mortório?
(Saber Sever, p.10)*

*O que é um mortório?
Matéria de adivinhas?
(Saber Sever, p.60)*

*"Só quem muito gosta
bem enxerta
que nunca o desleixo
deu vida
a outra vide"
(Saber Sever, p.93)*

A cada rotação, os fragmentos recompõem novas configurações que nos dão a ver uma galeria de tipos sociais, objectos de trabalho e lazer, tecnologias simples do "viver e do saber fazer" tradicional das populações de Sever, num tecido cultural imbricado e denso de relações sociais e sociabilidades que se vai desdobrando a nossos olhos, dando corpo às ambiências próprias dos quotidianos obscuros das gentes do Douro em seu contexto sócio-histórico singular mas representativo de um passado próximo da nossa história recente.

*"De Pêraboia, as vindimas
de sardinha ardida de barrica,
doze e quinhentos a jorna,
roupa da caritas
e as noites da roga"
(Saber Sever, p.6)*

*"Varandas assobia
às mãos nos bolsos
tanta a falta de pau
para toda a obra,*



*uma ova que é
um homem esfalfa-se,
dar o que se tem
e se não tem,
e a paga
Varandas desiste"*

(Saber Sever, p.7)

*"Com que ilusão a viam
abusada, desabusada,
Maria do Correio
Corria a vida a eito,
E os homens
Eram singulares
Episódios pitorescos,
Outra fixação
Nem valia
A extensa gargalhada
De loba"*

(Saber Sever, p.9)

*"O cubículo térreo de ferreiro –
fole, bigorna, martelo
que por segundos
consequira deslocar
e os cartazes (da Assistência Social)
que me assaltaram os olhos
subitamente colados à parede
onde até aí
só a cor cinzenta do fumo
que cercava os objectos
e a nós mesmos"*

(Saber Sever, p.12)

*"Peló de quem
as aranhas
fazem pouco
das pressas
tecendo redes invisíveis
às corridas
por entre
os bardos"*

(Saber Sever, p.17)

*“E o lugar do único sapateiro
de léguas em redor –
casarão sem nexo,
pedra solta
e que estremecia
dir-se-ia a própria respiração
aí num mocho rente ao chão
de mãos à altura
da banca escura”*

(Saber Sever, p.43)

*“Ao alfaiate de Sever
em quem pela primeira vez
conheci o afundamento pelo trabalho
as costuras dos dias
(a entretela dos dias)
por quem conheci
a raia da vida
nó cego de não haver nada
a filha mongolóide
da terra”*

(Saber Sever, p.24)

Numa toada reminiscente do romance de cordel ainda cantado, ao tempo, por cegos que esmolavam no comboio da linha do Douro, desfilam não somente actores sociais individuais mas também colectivos sociais:

*“O colectivo
de alegria migrante
da cardanha
o ciclo
da pisa
i de uva
o mosto”*

(Saber Sever, p.19)

2.2.2. Construção da trama e do narrador. Sociabilidades e conflitualidade sociocultural

Após a apresentação e invocação opera-se o desenvolvimento da trama que fermenta como o mosto e se escande quando a acção humana se intensifica e as sociabilidades e dramas do quotidiano se adensam:



*"Cesaltina, Cesaltina
que o teu pai
do mal feitor
Cesaltina ninguém rouba
Aqui ah! Ninguém rouba
A quinta
do meu senhor,
de tanto pernoitar a noite
tanto espanta pardais*

*Cesaltina
Oh só a míngua de pão"*
(Saber Sever, p.142)

*"Da caga na panela para a senhora
de Cima de Vila
– a minha filha não arranja
onde trabalhe
– tem entre as pernas por onde
o ganhe"*
(Saber Sever, p.129)

*"Assim se expondo
perdida a cria
achada nómada"*
(Saber Sever, p.143)

Dá-se aqui, explicitamente, voz directa aos actores, pela primeira e única vez no texto, todo ele em discurso directo indirecto.

O diálogo, forma das relações sociais, rompe-se, numa manifestação da própria fractura social exposta.

Assim se vai progressivamente complexificando a trama, *cicatriz ferida de filoxera*. Enquanto isso, ocorre a aprendizagem do narrador.

*"Olha, olha
deram-me um caleidoscópio
um caleidoscópio
e que bom é de se ver"*
(Saber Sever, p.183)

*"Deitados entre os bardos, bem no fundo da vinha
as cabeças apoiadas em duas pedras grandes
a Melita descobriu-me o eco enquanto eu lhe mostrava*

*o caleidoscópio, rodando combinações infinitas
luminosas, a claridade"*

(Saber Sever, p.191)

*"Sempre se aleijam os pés
jogando à bola
descalço
com os filhos do camponês..."*

(Saber Sever, p.166)

A conflitualidade sócio-cultural latente vem ao de cima, entrecruzando-se, numa ambiência de desencontro.

*"Não, para essa zanga
não via certeza
certo que no Alfredo
havia aquela manivela
a fazer faiscar
as tesouras
a abrir rasgões
no cinzento de fumo"*

(Saber Sever, p.179)

*"Enquanto na loja do Manuel havia
aquela quantidade de formas
por toda a banda - pedaços de corpos
de homem criança – pés de pau
por todo o lado de todos os tamanhos"*

(Saber Sever, p.195)

*"Apenas a zanga com o ferreiro
me fazia oscilar
zanga a parecer-me inútil a mim
que era amigo deles da mesma maneira"*

(Saber Sever, p.165)

2.2.3. Personagens e temas sociais – “apresentação” e “representação”²⁰

Aflorando no texto os grandes temas da sociedade e da literatura: o trabalho, o amor, a vida, a morte, a guerra, através de personagens que os vivem, evocam:

²⁰ Numa acepção próxima de Jacques Derrida assim explicada “na ‘representação’ a ‘apresentação’ regressa como duplo ou cópia, e a ideia, como imagem da coisa está à nossa disposição” cit por HOBSON, Marian – *Mimésis, présentation et représentation* “L’Europe”, nº 901, Mai, 2004, p. 137-138



Varandas que foi à Guerra Colonial e voltou com a Morte no corpo, Maria do Correio (em moça, a Ermelinda de 'Terra Fria') ²¹ que por amor (des)lia ou sumia os aerogramas ansiosamente esperados, temidos, pelos familiares que não tinham aprendido a ler, no modo próprio de saber sever

*"O que é
Um mortório?
Raios!*

*O homem
Apareceu morto
Ao' Trinta Diabos' que inquirisse
Que sendo maior de polícia
E ele seu procurador de quintas"*

(Saber Sever, p.30)

*"O cantoneiro Jorge morreu
e a terra toda chorou-lhe
a morte
a sua ressurreição"*

(Saber Sever, p.61)

*"E a morte ainda
sorte a dos pais
que era um anjinho"*

(Saber Sever, p.120)

*"Varandas fez tropa
viu negro
cedo escureceu
– passou – me sangue de homem
pelas mãos, não é mesmo
que coelho não
meu velho"*

(Saber Sever, p.153)

*"Maria, a que fora Ermelinda de 'Terra Fria'
que sendo Maria"
"Mulher mais linda
que o fora
mulher mais linda*

²¹ Personagem do romance de Ferreira de Castro, 'Terra Fria', referido a Montalegre, no Barroso.

*por tantos ecos
escutada
oficiante da morte"*

(Saber Sever, p.155)

*"aquela carta com aqueles dizeres
que enterrara
aquela carta
não lhe saía da cabeça"*

(Saber Sever, p.287)

*"e as censuras já lhas liam
era a cara mais lida da terra
a dela"*

(Saber Sever, p.75)

"a vida contra a notícia da morte"

(Saber Sever, p.163)

E foi sabendo Sever, que o narrador, de criança que brincava entre os bardos, mimando o eco por entre as formas coloridas do caleidoscópio, mira de observação convival de figuras e vivências humanas, se fez João de Sever, nome com que assina o texto.

*"Por que azinhagas
ruins de se ver
João vem à tona"*

(Saber Sever, p.107)

*"Peló
de se ver
João"*

(Saber Sever, p.271)

Em "Saber Sever" jogam-se os dilemas de um período de transição violenta marcado pela intrusão inesperada de um corpo estranho em lugar da cardanha "Rupertplatz", uma expressão intraduzível para quem se acostumara a ler aquele espaço fronteiro como de convívio. Tornou-se um enigma e um presságio.

Algo mudara de forma abrupta naqueles anos sessenta de que se não divisavam então os contornos e que vai culminar com o desaparecimento de formas de vida (Peraboa, a cardanha, a roga, colectivo migrante da alegria), e com elas, mesteres, relações de trabalho e de convivialidade, uma linguagem que se desarticulava.



O som que arranhava as gargantas, impronunciável, marcava o fim de um tempo e anunciava tempos de mecanização dos trabalhos agrícolas com o que os geios foram perdendo feição no menosprezo das curvas de nível, regra sagrada do agrimen-sor sobre humano. Só o benefício subia, subia a alturas nunca dantes suspeitadas.

Instituições, tipos e actores sociais masculinos e femininos, figuras colectivas, actividades económicas e tecnologias simples agrícolas e artesanais, em seus tempos e lugares, todo um processo histórico e social e a acção na língua, tudo perpassa, qual teatro da história, nas encruzilhadas da trama de Saber Sever que se conclui com *"Contra a notícia da morte... Como vos amo, como sois mundo"*. Sobre o trabalho das memórias, o trabalho da história sobre as memórias.

O texto ele também uma dinâmica viva, mesmo que aparentemente congelado na sua forma gráfica, apresenta-se-nos como um palimpsesto a reclamar, para que se torne transitável, produtivo, o trabalho de desbravamento da sua leitura, das marcas nele inscritas, que cada um fará com os instrumentos da sua época, da sua cultura.

3. Sever e "o poço do vinho"

*"Ao fundo o rio
espelho mais afeiçoado
do que acontece
por onde os breves povoados
se imaginam"*

(Saber Sever, p.172)

Ainda hoje, a povoação de Sever vista de passagem, se pode descrever assim. E ainda assim, por volta de 1911, o escritor M. Monteiro a via *"da estrada de Vila Real adiante de Santa Marta quando curva pomposamente para Sernadelo [Sarnadelo], [e descrevia como] aquela aldeiazinha assente a cavaleiro de um cone que se destaca no largo recôncavo da montanha cheia de bossas e cujo vértice é coroado pela igreja matriz"*²² Ao tempo em que, numa das suas muitas quintas, situada no lugar das Pedras, se distinguia *"a excepcional colecção ampelográfica, talvez a maior do Douro, contando 157 qualidades diferentes de casta de uvas de mesa."*²³

²² MONTEIRO, Manuel – *O Douro*. Porto: Emílio Biel & C^a, 1911, p. 131.

²³ Ob cit., p.132

Assim se postula também que é preciso saber (-se) ver. Por isso e por outras razões que já se deixaram enunciadas, a leitura de Saber Sever, como a de outros textos literários, pode relevar para o conhecimento histórico.

De facto, como apreender, de outro modo, a textura da violentação, tão desmedida quanto surda, de um lugar tão aparentemente pacato, a violentação endémica, quase inextricável, acumulada, feita de camadas sobrepostas: sistémica, estrutural, onto-teológica, epifenoménica, a da existência do dia a dia?

A camada sistémica, a mais encoberta, aflora no texto literário Saber Sever re-actualizando-se na intrusão de Ruppertplatz, mas tem na citação de Torga inicialmente epigrafada sobre a estranheza ao lugar do Sr.Lopes e do inglês, outro afloramento mais antigo.

A camada estrutural tem no episódio da caga-na-panela, a manifestação – limite de fractura social exposta, mas tem na apelação ao rei dos mercadores e homens-bons da cidade do Porto um afloramento de longa duração.

A camada onto-teológica irrompe com *ainda a morte/sorte a dos pais/que era um anjinho*, ainda quando tenha a elevada taxa de mortalidade infantil como explicação demográfica e sociológica próxima, tem impressa a “fatalidade” intercessora imemorial.

A camada epifenoménica é a *dos domingos de navalha por tudo e por nada*. Faz-se um vazio na tensão de um dia-a-dia oprimido e irrompe irreprimível uma força destruidora do mais próximo. A camada mais à epiderme das coisas, é a da existência quotidiana de formigueiro, num quadro espacio-temporal de interesses conflituais muito instável persistentemente longe do equilíbrio.

Mas a compreensão a um nível mais vasto e profundo desta complexidade de camadas própria deste microcosmo social e histórico do Velho Douro, leva-nos a remontar ao séc. XVIII e a determo-nos na “Devassa ... no território do Alto Douro pelo desembargador António de Mesquita e Moura” realizada de 1771 a 1775, cerca de 15 anos após a instituição da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, por alvará régio de 10 de Setembro de 1756 que vinha confirmar as propostas enviadas ao rei por lavradores de “Cima do Douro” e homens – bons da cidade do Porto e à qual se seguiu a demarcação pombalina, em 1758, logo corrigida, em 1761. Como se fora cena primordial que para sempre a houvesse de marcar.

Esta demarcação,” como qualquer linha de fronteira que gera exclusão, esteve longe de ser pacífica, o que ficará bem patente nas muitas transgressões denunciadas durante as sucessivas devassas”.²⁴

²⁴ SOEIRO, Teresa, ob. cit.p.149.



Acontece que tal definição de limites de uma região vitícola foi a primeira no mundo a incluir a elaboração de um cadastro e de uma classificação das parcelas e dos respectivos vinhos, sendo por isso muito mais do que mais uma linha de fronteira.

A devassa teve início, como se disse, em 1771 e visava à partida “ todas as pessoas que introduzirão, nas adegas que tem dentro nas terras da demarcação dos vinhos finos e legaes, os outros destinados para as vendas de ramo;(...)”, o primeiro e mais comum dos trinta e três ilícitos elencados. Num universo confinado ao perímetro Vila Real/Lamego, foram inquiridas 977 pessoas (204 voluntários e 773 compulsivos) das quais, 53 da área de Sever, distribuídas por lugar, número de inquiridos, e profissão, conforme quadro:

Lugares	N de pessoas	profissão
Concieiro	1	assistente,
	1	nobre
	6	proprietários
	8	trabalhadores
Fiéis de Deus	1	padeiro
Mafômedes	1	vendeiro
	1	almocreve
	1	nobre
	4	proprietários
	13	trabalhadores
Paredes de Arcã	2	carreiros
	8	proprietários
	2	trabalhadores
Sarnadelo	2	proprietários
	1	sapateiro
	1	trabalhador
Urval	1	carreiro

Os grupos profissionais mais representados são: o dos trabalhadores, com 273 depoimentos seguido pelo dos proprietários, com 239 e pelo dos almoceves, com 128, constituindo no seu conjunto a larga maioria dos inquiridos, não apresentando o conjunto de lugares da área de Sever (24 trabalhadores, 20 proprietários e 4 transportadores) significativo desvio a não ser em relação ao número de transportadores ouvidos, apenas quatro.

Um dado singular é o de só terem prestado depoimento dois nobres, e um deles ter ocorrido num desses lugares, o de Concieiro.

Para ilustrar o teor da devassa, transcreve-se o depoimento nº 940 tomado de António Pinto Fonseca, 36 anos, trabalhador, morador no lugar de Concieiro, (Penaguião):

“E sendo perguntado pelo conteúdo nos interrogatórios da devassa, disse do primeiro que sabe pelo ver e ter assistido no serviço da poda ao granjeio das vinhas que tem no limite do lugar do Assento e território de Embarque e de Ramo, Caetano José Pereira Pinto, do lugar de Concieiro, que este das ditas vinhas de Ramo terá regularmente cada ano vinte e cinco almudes de vinho cujas uvas misturara no ano próximo passado com as outras do território de Embarque fazendo o vinho de todas elas juntamente no seu lagar deste mesmo território, sito no lugar de Assento, como ele testemunha sabe por lhe confessar o mesmo Caetano José, assim como pelo ver que ele com seu próprio carro e bois fizera conduzir do referido lagar todo aquele vinho assim misturado para a sua adega do dito lugar de Concieiro, território de Embarque, onde o envasilhara com o mais vinho fino de sua lavra que tem no limite deste dito lugar. Porém ele testemunha ignora quem conduzira as ditas uvas de Ramo para o mesmo lagar, e se o sobredito praticara semelhante introdução nos mais anos antecedentes ao passado; e mais não disse deste, nem dos mais, nem do costume, e assinou com o dito ministro; e eu, Bernardo José de Sousa Guerra, ouvidor da comarca de Vila Real, escrivão e adjunto desta diligência, o escrevi. ”

O tombo publicado da devassa faz passar debaixo dos nossos olhos esse número considerável de depoimentos de transportadores, proprietários e trabalhadores (com destaque para as constantes referências aos galegos) deixando entrever “ as movimentações deste mundo rural a que estavam vinculados interesses dos grandes, não faltando menções a nobres, clérigos, militares e togados”.

Pela sua singularidade, e ilustração do que acaba de citar-se, vale a pena transcrever ainda a parte referente ao primeiro dos ilícitos do depoimento nº 924 tomado de Caetano José Pereira Pinto, de 60 anos de idade, que vive à lei da



nobreza, morador no lugar de Concieiro (Penaguião), directamente visado no depoimento anterior bem como nos depoimentos números 931, 939 e 941:

“E sendo perguntado pelo conteúdo nos interrogatórios da devassa, disse que sabe pelo ver e ser notório que José Carlos Guedes, do lugar de Concieiro, concelho de Penaguião, tem uma vinha no sítio de Pedregal, limite do lugar da Veiga e território de Ramo; a qual dará regularmente cada ano meia pipa de vinho; e António Luís Álvares, do mesmo lugar, tem outra vinha no referido sítio que poderá dar do mesmo modo quinze ou dezasseis almudes; e tanto um como outro no tempo da vindima do ano próximo passado e nos mais anos antecedentes introduziram aquele vinho de Ramo nas suas respectivas adegas, sitas no mesmo lugar de Concieiro, território de Embarque, fazendo conduzir as uvas das ditas vinhas pelos trabalhadores das suas vindimas para os seus respectivos lagares em que faziam o vinho delas junto com o fino que cada um tinha de sua lavra; o que praticavam na suposição de estarem as mesmas vinhas dentro da demarcação do vinho de Embarque sendo certo que elas se acham dentro na de Ramo, segundo ele testemunha sabe pelo que consta do Tombo que ouvira ler.

E outrossim disse que sabe pelo ver e ser notório no lugar de Concieiro que Clemente José Pereira, do mesmo, no tempo da vindima do ano próximo passado envasilhara quatro pipas de vinho em um tonel existente na sua adega, sita no dito lugar, território de Embarque; tendo de sua lavra somente duas pipas de vinho fino que envasilhara no dito tonel, no qual introduzira mais uma pipa de vinho de Ramo de vinte e cinco almudes que comprara em mosto a Luís Martins, do lugar de Cristelo, além de outra pipa de vinho de embarque que também comprara a várias pessoas, como foram a Luís da Fonseca, caseiro de José Nogueira, do lugar de Araújo, termo da cidade do Porto e morador em Concieiro onde fora produzido o dito vinho; mais dois almudes a Francisco Monteiro da vila de Santa Marta; mais dois almudes a José Cardoso Osório, do lugar de Concieiro; e mais quatro almudes a Domingos José do mesmo, e mais seis almudes de vinho de Ramo que comprara em uvas a Manuel Rodrigues, do lugar de Mafamedes; completando com as ditas compras a dita pipa de vinho de Embarque de vinte almudes em que entravam os seis de Ramo; e fazendo deste modo quatro pipas de vinho no dito tonel que manifestara como se todo fosse fino, o que tudo ele testemunha sabe pela sobredita razão e lhe confessar assim o mesmo Clemente José, ainda que ignora o preço do dito vinho comprado.

E também lhe confessara que na vindima do presente ano envasilhara na mesma sua adega três pipas de vinho, do qual eram duas pipas e quatro almudes

de sua lavra e território de Embarque; e o mais não sabe ele testemunha donde lhe viera nem a qualidade dele. E outrossim disse que ele testemunha tem três bocados de vinha do território de Ramo no limite do lugar da Cumeeira que costumam produzir um ano por outro vinte e cinco almudes, os quais nos dois anos próximos a este sempre misturara com o vinho fino de sua lavra que tem no mesmo lugar, donde mandara conduzir o dito vinho assim misturado que por todo seriam vinte e cinco até vinte e seis pipas, para a sua adega do lugar de Concieiro, onde o envasilhara com o mais de sua lavra do território de Embarque; e mais não disse deste, nem dos mais, até o décimo nono (...)"

Da leitura dos depoimentos recolhidos na devassa, pode concluir-se que Sever (compreendendo os lugares atrás referidos), várias vezes neles mencionado, quer por referência à sua igreja, quer como freguesia a que pertence o lugar de Urval (depoimento nº 949), sem que no entanto, nenhum dos seus habitantes tenha sido inquirido como sendo dela oriundo, se apresenta porventura como a mais representativa dos interesses em jogo quer pela proporcionalidade quer pela singularidade dos inquiridos. E, nessa medida, podendo considerar-se também como o fundo do "poço do vinho" assim somente lobrigado.

4. Conclusão

Uma das conclusões porventura mais interessantes do trabalho até aqui realizado é a de que tenha sido ao ler Saber Sever que se tenha aprendido a saber-se ver, nesse movimento de leitura do texto que terminamos com "o benefício subia subia a alturas nunca dantes suspeitadas" (construção em eco da camoniana "mares nunca dantes navegados", a descoberta) o que, através disso se lobriga (n)o fundo do 'poço do vinho' – Sever – ou seja, a aprender como se pratica a relação escrita e história, ensaiando-se o "fazer história" através da escrita, tal como começara por enunciar-se.

Do nosso ponto de vista, ficam assim respondidas as perguntas que a propósito deste trabalho necessariamente se formularão:

O que pode a escrita literária, e por maioria de razão, o manuscrito de um texto literário centrado numa pequena povoação como Sever, trazer de relevante para a história de uma região como a do Douro?

O que pode a história acrescentar a um investimento criativo como aquele em que se traduz "Saber Sever"?



Contra o lugar comum corrente de que toda a narrativa se reinscreve, de certo modo, na esfera da ficção, procurou-se mostrar, ao examinar ficção e história numa perspectiva da história das populações em história que está no centro desta comunicação, que por detrás da narratividade ficcional, inventada e narrativa histórica com pretensão de verdade, existe uma relação complexa. O Sever literariamente imaginado permitiu a João de Sever ver e dar-nos a ver em acto o microcosmo social de uma pequena povoação da Região Demarcada do Douro, e sinalizar, sugerindo-a apenas, no próprio acto da escrita, uma profunda e abrupta transformação sócio-histórica desta Região.

O texto literário Saber Sever que escolhemos pela sua capacidade de observação social e de prestar atenção a si e aos homens, pelas suas potencialidades de historicidade e expressiva sugestão literária, quase fotográfica,²⁵ de um evento singular revelado através de uma rede intrincada e secreta de relações múltiplas entretecidas em palavras e estrutura de discursos, capta, em nosso entender, num instante anterior a um momento particularmente significativo de mudança e transformação sociohistórica, as populações anónimas, mais que qualquer grupo social, construtoras da história, fixando para sempre os seus gestos e comportamentos mais ínfimos e quotidianos.

E, graças ao objectivo literário, como sucede com o objectivo fotográfico, qualquer gesto se reveste da densidade de uma vida inteira, qualquer acontecimento irrelevante compreende e congrega o sentido de toda uma existência humana e da sua experiência histórica. Julga-se ter deixado assim sugerida a relação secreta que há entre vida e história.

A nosso ver, o texto literário, núcleo central desta comunicação, contém um inconfundível índice histórico, uma época incancelável que graças ao especial poder da narratividade literária remete para um outro tempo, mais actual e mais urgente do que qualquer tempo cronológico. Aqui se tratando de um outro aspecto intransponível na nossa concepção de história – o de uma exigência imposta pelos sujeitos captados no texto literário (como numa fotografia) mas que exigem de nós qualquer coisa mais, uma exigência que se não confunde apenas com a necessidade factual, uma exigência como coisa viva, tal como nos surge em qualquer texto literário, de apreender “o real” que se está perdendo para torná-lo possível de outro modo.

²⁵ Fazemos aqui na aplicação à escrita literária, tradução livre do fulgurante ensaio sobre memória e esquecimento, a propósito da fotografia de AGAMBEN, Giorgio – *El Giorno del Giudizio*. Roma: Edizioninottetempo, 2004.

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio – *El Giorno del Giudizio*. Roma: Edizioni in ottetempo, 2004
- CABRAL, A.M. Pires, Sel., Org.; SARAIVA, Arnaldo, Pref. – *Douro Leituras: uma Antologia de textos sobre o Alto Douro*. Régua: [Museu do Douro], 2002
- GINZBURG, Carlo – *Nessuna isola è un'isola*. Milão: Feltrinelli, 2002.
- LAGE, Maria Otília Pereira – *Nas memórias do Volfrâmio: um sociolecto luso-galaico*. “Veredas” (4) Revista da Associação Internacional de Lusitanistas. Ed. Fundação Engenheiro António de Almeida. Porto, Dez. 2001
- LAGE, Maria Otília Pereira – *Abordar o Património Documental: Territórios, práticas e desafios*. “Cadernos do NEPS” (4). Guimarães: UM-ICSN- EPS, 2002
- MONTEIRO, J. Gonçalves – *Penaguião: “Terra” e Gente*. Santa Marta de Penaguião: Ed. do Município de St^a Marta de Penaguião, 2001, p.45)
- MONTEIRO, Manuel – *O Douro*. Porto: Emílio Biel & C^a, 1911
- MOREIRA, Vital – *O Governo de Baco*. Ed. Afrontamento, 1998
- OLIVEIRA, António Braz de, MARINHO, Maria José – *Devassa a que mandou proceder Sua Majestade no Território do Alto Douro pelo Desembargador António de Mesquita e Moura*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983 (Série Documental)
- POMIAN, Krzysztof – *Sur l'histoire*. Paris: Gallimard, 1999
- Revista “Douro – Estudos & Documentos”. Publicação bianual editada pelo GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto. Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- RIBEIRO, Orlando – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Sá da Costa, 1992
- SENA, Jorge de – *30 anos de Poesia*. Porto: Ed. Inova, 1972. (Colectânea)
- VIVER E SABER FAZER: TECNOLOGIAS TRADICIONAIS NA REGIÃO DO DOURO: ESTUDOS PRELIMINARES. Peso da Régua: Museu do Douro, 2003